

“Um projeto chama outro”: trajetórias, relações pessoais e engajamento militante em contexto de projetos sociais para jovens moradores de favela¹

Patrícia Lânes Araujo de Souza²

Resumo

A partir de década de 1990, projetos sociais realizados pelo governo ou por organizações não governamentais tornaram-se comuns em muitas favelas de grandes cidades do Brasil, em especial do Rio de Janeiro. Parte desses projetos teve os *jovens* como público-alvo preferencial, tendo sido voltados para sua *formação* ou *ocupação*. A ideia de que “um projeto chama outro” será aqui retomada para pensar articulações possíveis entre relações pessoais e trajetórias de militância de moradores de favelas. Se Novaes (2006) utiliza tal ideia para se referir a “sinergia” de projetos em um mesmo território (pensada a partir da noção de *desenvolvimento local*), aqui a “sinergia” de projetos será pensada em uma mesma trajetória individual. A partir da história de vida de dois moradores de um conjunto de favelas localizado na zona norte do Rio de Janeiro será possível refletir sobre a inserção de tais pessoas no universo dos projetos sociais e ONGs e a relação entre tal inserção, militância e expectativas e realizações educacionais e profissionais, considerando relações de amizade, parentesco e vizinhança.

Palavras-chave: engajamento militante; trajetória; favela; projetos sociais; relações pessoais.

¹ Trabalho originalmente apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, em Natal/RN.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF). E-mail: patricialanes77@gmail.com

“A project calls another”: trajectories, personal relationships and activist engagement in the context of social projects for youths living in a slum

Abstract

From the 1990's on, social projects conducted by the government or by non-governmental organizations became usual in many slums of major cities in Brazil, especially in Rio de Janeiro. The preferential target in part of these projects were young people, and actions were intended for their training or occupation. The idea that “a project calls another” will be resumed here to think about possible articulations between personal relationships and trajectories of activism by slum dwellers. If Novaes (2006) utilizes such idea to refer to a certain “sinergy” of projects in one territory (so considered based on the notion of local development), here the “sinergy” of projects will be considered along one and same individual trajectory. Starting with the life story of two residents in a set of slums located in the North area of Rio de Janeiro it will be possible to reflect over the insertion of such people in the universe of social projects and NGOs and the relationship between such insertion, activism, and the educational and professional expectancies and achievements considering relations such as friendship, kinship and neighborhood.

Keywords: activist engagement; trajectory, slum; social projects, personal relationships

O Complexo do Alemão é um enorme conjunto de favelas (entre 12 e 15 favelas ao todo, a depender da fonte), localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, onde moram cerca de 70 mil habitantes de acordo com o IBGE (Censo 2010). Em 1993, foi reconhecido pelas autoridades públicas como bairro. Para além das coordenadas oficiais, localizar-se no Complexo não é fácil. Para quem é “cria”

(nascido e criado), os pontos de referência combinam lojas e equipamentos públicos erguidos há muito pouco tempo - já que, desde 2007, uma série de obras tem sido realizada como parte do Programa de Aceleração do Desenvolvimento (mais conhecido como PAC) - com a alusão a fábricas há muito fechadas, comércios antigos e casas de moradores que lá vivem há gerações.

As três pessoas de que falarei no presente artigos são “crias” do morro. Vivem lá desde que nasceram e suas famílias estão no Complexo há gerações. Eles três foram alguns dos responsáveis por me guiarem por lá. A organização criada por dois deles foi um dos meus pontos de apoio durante meu trabalho de campo, lugar onde me refugiava quando alguma entrevista era desmarcada em cima da hora, onde foram feitas diversas das entrevistas de minha pesquisa e por onde não deixava de passar para dar um oi e saber das novidades. São pessoas próximas com quem estabeleci relação para além da pesquisa que realizei. Ao contar aqui um pouco de suas vidas e de seus percursos de ingresso na militância, inserção em projetos sociais e vida profissional, e a relação entre essas esferas da vida, que muitas vezes olhamos de maneira apartada, pretendo buscar conhecer e analisar a construção de relações sociais a partir do cotidiano. Quando falo aqui de suas vidas, falo de militância, estudos e trabalho, mas também de amizade e parentesco, vínculos que permeiam todas as dimensões da vida e que ajudam a entender o processo de engajamento em suas trajetórias.

Durante o período do meu campo (meados de 2013 a meados de 2015) pude encontrar com essas pessoas inúmeras vezes em manifestações, eventos culturais e políticos, reuniões, trabalhando e conversando na sede da organização que criaram, no local de trabalho de um deles, em bares e festas. Foi nesse convívio que descobri a importância de conhecer e de ser conhecido dentro e fora do Alemão. Esses três homens em diferentes faixas etárias - 20, 30 e 40 e poucos anos - construíram, dentro e fora de lá, “redes de amizades” (como um deles disse em sua entrevista) e conhecimento que são acionadas em momen-

tos diversos. Essas redes são mobilizadas na hora de tentarem continuar os estudos, no momento de busca por trabalho ou na organização de eventos e manifestações. Um deles em especial – que chamo aqui de Paulo³ – contribuiu para que os outros dois (Daniel e Marcelo) reconfigurassem suas próprias redes, seus campos de possibilidade e projetos de vida. E não foram os únicos. Paulo tornou-se uma verdadeira referência no Alemão para muitos moradores de diversas idades e para pessoas que, como eu, passam a frequentar a favela por motivos variados.

Se no Complexo é fundamental saber com quem conversar, “desenrolar” e negociar, no mundo dos projetos sociais, da militância, dos estudos e do trabalho não é diferente (ainda que os modos valorizados de como fazer isto nem sempre coincidam). Dentro e fora, conhecer e ser conhecido é fundamental. As redes de conhecimento, que são construídas também por relações de parentesco, vizinhança e amizade, e os usos que fazem delas são o assunto deste texto. Pensar tais redes a partir da trajetória desses três homens será minha estratégia para entender os modos através dos quais constroem suas militâncias no Alemão.

Introdução

Ter ou não acesso aos projetos sociais diferencia entre si os jovens mais pobres e também cria uma diferenciação entre os jovens de diversas áreas pobres e violentas da cidade. Isso porque afinal um projeto chama outro, e com as melhores intenções. Afinal, a ideia de ‘desenvolvimento local’ implica criar sinergias, complementaridade e integração dos projetos variados. (NOVAES, 2006, p.114)

A ideia de que “um projeto chama outro” (NOVAES, 2006) será tomada para pensar articulações possíveis entre relações pesso-

³ Optei aqui por adotar nomes fictícios para os três a fim de preservar suas identidades.

ais e trajetórias de militância de moradores(as) de favelas. Se a antropóloga Regina Novaes utiliza tal ideia para se referir a “sinergia” de projetos em um mesmo território (pensada a partir da noção de desenvolvimento local), aqui pensaremos na “sinergia” de projetos em uma mesma trajetória. A partir das trajetórias de dois moradores do Complexo do Alemão (conjunto de favelas situadas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro que atualmente vem tendo especial atenção de agentes estatais e de organizações não governamentais - ONGs) será possível refletir sobre a inserção de tais pessoas no universo dos projetos sociais e ONGs, bem como a relação entre tal inserção, sua continuidade e passagens para a militância, considerando o lugar de relações de amizade, familiares e afetivas. Tal aspecto pode ajudar a entender a continuidade da presença de determinadas pessoas no mundo dos projetos sociais, bem como os trânsitos entre tal universo e aquele da militância social e política em favelas.

A partir de década de 1990, projetos sociais, realizados pelo governo ou por ONGs, tornaram-se comuns em muitas favelas de grandes cidades do Brasil, em especial no Rio de Janeiro. Boa parte desses projetos teve jovens como seu público-alvo preferencial, tendo sido voltados para formação ou ocupação dos mesmos (em seus próprios termos). Tais iniciativas podem ser pensadas como “estratégias de governo” dos pobres e, em especial, de pessoas de certa faixa etária (consideradas adolescentes e/ou jovens por diferentes agentes) que vivem em espaços populares. (TOMMASI, 2012)⁴ Ao mesmo tempo em que ampliam

⁴ (...) lembramos a discussão de Foucault sobre governamentalidade, o conjunto de instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer uma forma específica de poder cujo alvo é a população. Esse tipo de poder, para Foucault, impõe-se sobre todos os outros no final do século XVIII. É o que ele chamará de biopoder (FOUCAULT, 1979, pp. 291-292). (...) Os dispositivos acionados não agem diretamente sobre os corpos, mas procuram criar um ambiente: trabalham, criam, organizam, planejam um meio (FOUCAULT, 2008, p. 28). A governamentalidade é, portanto, a “condução das condutas”, uma forma de governo que tem como sujeito e objeto a população: o governo se realiza não somente sobre, mas também através da população. (TOMMASI, 2012, p. 113).

possibilidades de circulação e de encontro, por exemplo, também conformam e autorizam determinadas agendas e modos de agir em detrimento de outros.

No entanto, talvez um “efeito social não previsto”⁵ (SIGAUD, 1986) de tais iniciativas seja a reconfiguração das organizações e práticas de militância e atuação social e política em tais localidades. Algumas das pessoas envolvidas em projetos sociais tornaram-se o que Novaes (2006) denomina “jovens de projeto”, passando a participar de redes de relações institucionais e pessoais que as permitiu passar de um projeto a outro acumulando capitais de diversos tipos e, em certos casos, passando a trabalhar como educadores, dinamizadores, coordenadores, etc. em projetos sociais e ONGs. Mas também ingressar em um universo correlato, ligado à militância social através de ONGs e movimentos sociais com as temáticas de favela e juventude, por exemplo. Tais dinâmicas articulam relações pessoais, profissionais e de militância reinscrevendo o “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) dos envolvidos e afetando dinâmicas de organização local.

Em 2012, quando trabalhava em uma pesquisa sobre o uso das novas tecnologias para mobilização social por jovens moradores de favelas e áreas populares no Rio de Janeiro⁶, tomei conhecimento de que, no Complexo do Alemão, alguns jovens estariam utilizando a Internet e variadas mídias com tal finalidade. Eram pessoas que tinham blogs, perfis em redes sociais virtuais e/ou

⁵ A noção de efeito, para Sigaud, permite criticar a literatura dos “impactos”, categoria nativa carregada de pressupostos e que impediria de compreender as dinâmicas geradas pelos projetos, já a ideia de “efeitos” permitiria (...) analisá-los não como respostas culturais da população, mas como mudanças na estrutura das relações sociais na qual está inserida, perspectiva esta que coloca em questão a própria possibilidade de ‘impactos temporais’. (SIGAUD, 1986, p. 87).

⁶ Refiro-me aqui à pesquisa “Jovens pobres e o uso das novas tecnologias de informação e comunicação na criação de novas esferas públicas democráticas” coordenada pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), realizada entre 2012 e 2013, na qual trabalhei como coordenadora e pesquisadora responsável pelo caso referente aos contextos de favela.

usavam fotografias, vídeos e textos para falar da realidade da favela em que moravam, problematizar sua relação com a cidade como um todo e denunciar violações de direitos buscando apresentar uma visão positiva da realidade em que se inseriam. No presente artigo partirei de entrevistas com duas das pessoas com quem conversei naquele momento para pensar a *sinergia* de projetos sociais individualmente e no entrelaçamento entre sua atuação em ONGs e projetos sociais (sobretudo voltado para jovens) em favelas, militância, estudo e trabalho. A análise aqui apresentada inscreve-se no quadro de minha pesquisa de doutorado sobre práticas e trajetórias de militâncias entre pessoas que vivem em favelas, com diferentes experiências em ONGs e projetos sociais, que acionam as categorias jovem/juventude em suas atividades de militância, ativismo e ação social.

Militância é entendida aqui como categoria da prática⁷, acionada em diversos momentos por parte dos entrevistados para se diferenciarem de outras pessoas que não militam. Tal categoria é pensada em diálogo com a literatura recente acerca do engajamento militante no Brasil e na França⁸. Os termos *juventude/jovem* também são tomados aqui no contexto de utilização, considerando que tal noção se constrói nestas localidades na relação entre políticas públicas e ONGs, ambas concretizadas através de projetos sociais pensados também como modalidades de ação e de governo de territórios populares como as favelas (“juventude como um campo de intervenção” se pensarmos nos termos propostos por Tommasi, 2012).

⁷ De acordo com Brubaker e Cooper (2000), por categorias da prática, seguindo Bourdieu, nós queremos dizer algo próximo ao que outros chamam categorias “nativas” ou “folk” ou “leigas”. São categorias das experiências do cotidiano desenvolvidas e empregadas por atores sociais comuns, sendo distintas daquelas categorias da “experiência-distante” usada pelos analistas sociais. (BRUBAKER, COOPER, 2000, p. 04). Utilizo itálico para marcar tais categorias ao longo do texto.

⁸ Para referências a respeito no presente artigo, ver especialmente Sawicki e Siméant (2011) e Oliveira (2010).

A análise aqui apresentada tem foco na entrada para o mundo dos projetos sociais e ONGs, os investimentos e estratégias empregados por eles para sua continuidade, bem como a relação entre tal inserção e a atuação social de ambos. Nesse contexto, busca-se entender, ou ao menos apontar, de que modo relações de vizinhança, parentesco e amizade operam nesse cenário.

Marcelo e Daniel, histórias de engajamento social no Alemão

Trajetórias são sempre histórias contadas *a posteriori* e seu sentido é construído a partir da relação de pesquisa. Estudos biográficos de referência foram realizados ao longo dos anos nas Ciências Sociais. São muitos os autores que buscam fugir da ilusão de uma trajetória ou biografia construída através da narrativa contada por determinado(s) sujeito(s) e a partir de um tipo de roteiro de entrevista que contribui para uma visão mais linear e mais investida de causalidade do que processual e que permite múltiplas conexões e entradas. Podemos citar Bourdieu (2002) como um dos que problematizou e sistematizou a crítica sobre o uso irrestrito da trajetória biográfica como reconstrução linear da biografia. Já Elias (1995), ao analisar a trajetória de Mozart, traz a fundamental análise de contexto ou das “estruturas sociais da época” para se compreender o que chama de “coerções inevitáveis” e a relação que os indivíduos com elas estabelecem. São, hoje, bastante comuns as análises biográficas ou de trajetórias entre os estudos sobre engajamento militante. Pudal (2009) chama a atenção para as análises biográficas nessa área de estudo estarem se tornando cada vez mais complexas sendo tratadas como o encontro de muitas histórias (das origens sociais, de processos de socialização, do sistema escolar e dos riscos e etapas de uma carreira militante).

No presente caso, as histórias aqui retomadas derivam de pistas deixadas em entrevistas cujo foco não era a reconstrução exaustiva de uma trajetória, mas as percepções e usos que faziam da-

quilo que nominamos novas tecnologias. Ainda assim, em tais entrevistas, começávamos por aspectos relativos à origem, socialização primária e secundária dos entrevistados e suas experiências de militância. Toma-se aqui como pressuposto a reflexão de Wilson Oliveira (2010) a partir da literatura acerca do engajamento militante e movimentos sociais e o estudo de trajetórias e relatos biográficos de que:

(...) para compreender concretamente os processos de engajamento e desengajamento e a permanência na militância, o observador deve apreender, tanto pelos relatos biográficos quanto pela observação etnográfica, o desenrolar e a imbricação de diferentes “ordens de experiências”, “umas em relação com as outras”, vividas pelos atores dentro de alguns “submundos sociais” (profissional, afetivo, familiar, militante etc.). Essa análise relacional das distintas “ordens de experiência” nas quais os atores se encontram inseridos permite apreender as lógicas que conduzem ao engajamento e à permanência na militância como resultado de constrangimentos específicos relacionados aos locais, aos itinerários individuais e aos espaços sociais dentro dos quais os atores estão inseridos. (OLIVEIRA, 2010, p. 58).

As narrativas sobre militância são, portanto, aqui tomadas a partir de uma perspectiva processual e fortemente vinculadas a distintas experiências e “submundos sociais” (ainda que nem sempre seja possível precisar fronteiras entre eles) em que se privilegiou trajetórias em que o acesso a projetos sociais e organizações não governamentais (ONG) fosse parte de sua conversão em militantes.

Daniel

Daniel foi um dos fundadores de uma importante organização não governamental no Alemão. No momento da entrevista tinha 31 anos e trabalhava em um equipamento público cultural

recentemente construído pela Secretaria Municipal de Habitação na Nova Brasília, uma das favelas do Complexo do Alemão. A gestão do equipamento é realizada por uma ONG *de fora*⁹ e é através dela que Daniel foi contratado.

Ele sempre esteve ligado às ações da organização que ajudou a criar, ainda que a natureza de seu vínculo mude ao longo do tempo (no momento da entrevista era o presidente formal da organização). Daniel tem uma filha (que então tinha 9 anos) e morava com ela e sua esposa (mãe de sua filha e sua namorada desde a adolescência). Parte de sua trajetória escolar foi feita em escolas públicas. Abandonou a escola uma época e conseguiu uma bolsa de estudos anos depois em um colégio particular da região onde concluiu o ensino médio (no formato supletivo).

Entre o término dos estudos regulares e o ingresso na universidade, levou cerca de seis anos. Conseguiu uma bolsa de estudos em uma universidade particular para estudar jornalismo. No período entre o término do ensino médio e o ingresso na universidade, Daniel serviu o exército e conta sempre ter tido resistência a empregos formais (conta ter trabalhado em uma biblioteca, em loja de livros e como camelô).

Nesse período também se envolveu com *trabalhos sociais*¹⁰. Foi aluno de um *curso de formação de lideranças* oferecido por uma organização não governamental *de fora*. Naquele momento um amigo (com quem veio a fundar uma organização local anos depois) já trabalhava nessa ONG e foi através dele que chegou ao

⁹ A distinção entre ONGs *de dentro* (ou locais) e *de fora* é importante em um contexto em que um dos atributos de legitimidade para a militância é o tempo de moradia no local ou o fato de ser *nascido e criado*. Atributo também valorizado em diversos trabalhos desempenhados por moradores de favela em projetos sociais e organizações não governamentais como o de *articulador* ou *mobilizador local*.

¹⁰ *Trabalho social e ação social* são modos através dos quais diversas pessoas que trabalham em ONGs se referem a seus próprios trabalhos. Para mais referência sobre o assunto ver Landim (2005) e Zaluar e Alvito (1998).

curso de “formação comunitária”, então financiado pelo Governo Federal. As aulas aconteciam na sede da ONG, no Centro do Rio de Janeiro, e havia uma bolsa de 60 reais e o dinheiro para passagem para os participantes.

Daniel também pichava e foi a partir do contato com uma pessoa do movimento Hip Hop nesse mesmo curso que deixou de ser pichador para trabalhar com grafite: “Foi aí que eu conheci o trabalho social, elaboração de projeto e o grafite entrou na minha vida, entendeu?” No final do curso, ele conseguiu um recurso para realizar seu primeiro projeto que aliava formação e grafite. Logo depois, quando sua esposa (então namorada) engravidou, conseguiu um trabalho remunerado na ONG que oferecia o curso: “Tava participando do projeto no..., participei do... também. Começando a me inserir. A E. ficou grávida, isso em 2002. Aí eu: ‘Paulo, tô desesperado... E. tá grávida!’”. Foi assim que esse amigo, que já trabalhava nessa ONG, teve a ideia de criar uma iniciativa em que Daniel pudesse trabalhar a partir da questão da juventude:

Aí ele ‘Cara, vamos pensar uma ideia...’ Aí mais uma ideia que veio de conversas ociosas, tipo ócio produtivo, que a gente chamou naquele momento. Você vai lembrar, que era a questão da própria juventude. A juventude tava tendo uma discussão naquele momento, 2000, naquela virada, a juventude passou a ser o foco de projetos e ações.

Assim nasceu a ideia de, dentro da ONG em que Paulo já trabalhava, fazer uma *rede de juventude*, um site denominado “rede de juventude cidadã”. Paulo *bancou* Daniel para trabalhar um mês e desenvolver a ideia de um site. Nesse primeiro mês, Paulo pagou pelo trabalho de Daniel do “dinheiro dele” e o coordenador da ONG “comprou a ideia”: “Que aí eu comecei a trabalhar no... com comunicação, que foi o site que a gente criou e alimentava com notícias ligadas aos movimentos de juventude, o que tava acontecendo, comecei a participar mais efetivamente do fórum de juventude”.

Através de outra pessoa com quem passou a trabalhar na mesma ONG, ele conheceu uma professora da universidade em que viria a estudar, tendo sido insistentemente indicado a ela por esse amigo para uma bolsa de estudos que esse mesmo amigo havia conseguido anos antes. Por esse motivo, decidiu voltar à escola para concluir o ensino médio e poder ingressar na universidade: “Aí foi assim que consegui entrar na faculdade. Através do ..., desse site, já tinha construído, já tava no ar e a gente alimentando. A gente já tava fazendo comunicação”. Daniel considera-se militante (“por várias frentes. (...) Cultural, artística, social, de comunicação. Eu sou militante”). Naquele momento considerava a organização local que criou com Paulo e outras pessoas como sua “ligação social, onde eu tenho liberdade para falar, para fazer o que eu avalio como um positivo, qualitativo para o desenvolvimento da minha comunidade”.

Depois do trabalho na ONG e do ingresso na universidade, Daniel continuou voluntariamente na organização que ajudou a criar (“sem grana, durante muito tempo a gente foi voluntário da nossa própria instituição”) e começou a procurar estágios: “Aí o ... abriu uma inscrição para estágio, eu já conhecia o pessoal, a galera falou: pô, Daniel, vem, vem fazer a entrevista. Fui lá, fiz entrevista, fui selecionado”. Mas nesse mesmo momento viu um edital de seleção de estágio na área de comunicação em uma outra ONG “de fora” que já conhecia através do trabalho com juventude que havia realizado. Foi selecionado para a vaga e lá estagiou por cerca de um ano. Sua saída desse estágio estava associada à entrada do Programa de Aceleração do Desenvolvimento (PAC)¹¹ no Alemão:

Aí sai do ... porque o Paulo... Aí tava começando o PAC aqui. O Paulo foi convidado pela Caixa Econômica pra ser gerente do trabalho social e o Paulo falou: ‘tem uma condição, vou

¹¹ Refiro-me ao Programa de Aceleração do Crescimento, criado em 2007. Trata-se de uma intervenção urbanística de grande envergadura e no Alemão obras e atividades relacionadas a ele começaram a acontecer em 2008.

montar a minha equipe, a equipe que eu confio. Porque trabalhar em campo dentro do Alemão já tava começando a ficar difícil. O projeto desse e as relações políticas seriam muito fortes. Aí preciso montar uma equipe que eu confio e tenho essa pessoa pra comunicação, essa pessoa pra isso... aí ele me chamou.

Desde então (há cerca de seis anos), Daniel vem trabalhando apenas no Alemão: “PAC, (nome da organização local) foi contemplado pelo projeto da Petrobrás em setembro de 2009”. Continuou trabalhando por um tempo na organização local e, anos depois, passou por processo seletivo para uma vaga na área de comunicação no equipamento cultural em que trabalha até hoje. Apesar de situar suas atividades de militância na organização que ajudou a criar, sua trajetória profissional desde a entrada no primeiro projeto social de formação se constrói na interseção entre sua militância, sua formação como jornalista, sua atuação como grafiteiro e seu vínculo com o Alemão (e, durante certo período, o fato de ser jovem).

Marcelo

Marcelo tinha 24 anos no momento da entrevista, morava no Alemão com os pais e a irmã; tinha uma filha de 2 anos e já havia morado com a mãe de sua filha (de quem estava separado). Naquele momento, Marcelo trabalhava na organização local que Daniel ajudou a criar, coordenando projetos e como assistente de Daniel na parte de comunicação.

De acordo com ele, *é nascido e criado* no Alemão e já viveu em diferentes partes do Complexo. Estudou a vida toda em escolas públicas. Repetiu diversas vezes, foi expulso, tentou retomar os estudos fazendo supletivo e voltou para a escola regular. No momento da entrevista, ele cursava o último ano do ensino médio porque tinha uma bolsa de estudos garantida em uma faculdade particular para estudar comunicação.

Assim como no caso de Daniel, a bolsa para universidade se relacionava a sua inserção na organização em que trabalhava. Em sua narrativa, o fato de ter sido indicado por essa organização para participar do projeto de uma ONG de fora (então financiado pela União Europeia) é muito valorizado e associado a seu ingresso no mundo dos movimentos sociais, mas também a escolhas educacionais e profissionais que reverberam até o presente. No entanto, relata também que sua proximidade com a organização local e seus criadores é anterior à indicação para o projeto em questão:

(...) porque em 2007, o primeiro projeto que eu participo... eu ficava próximo ao... (nome da organização local) e tudo mais, mas nunca... entrei num projeto de fato. Em 2007... [Eu: Mas você ficava próximo como? Por quê? Você conhecia as pessoas?] É, porque eu conhecia o Paulo, o Paulo é meu primo, e aí tinha o Daniel que era meu amigo, então eu sempre estava ali, passava, conversava, eu não tinha emprego formal, então eu meio que ficava orbitando ali pela área do... (nome da organização local).

O momento de entrada no projeto da ONG de fora e os cursos na área de comunicação que fez quase que simultaneamente em uma ONG situada em uma favela próxima ao Complexo aparece em sua fala como sendo determinantes em suas escolhas futuras e no que chama de *mudança de personalidade* (conta que antes era mais tímido). Não explicita claramente o que fez com que Paulo, seu primo, o indicasse para a pessoa responsável pelo projeto da ONG externa (a quem se refere em determinado momento como “minha mãe, assim, uma pessoa que eu tenho como referência na área que eu trabalho”), mas quando seu primo contou que o havia indicado, sua reação foi de surpresa:

(a pessoa da ONG de fora) liga pro Paulo e fala ‘eu preciso de um jovem pra participar de um projeto...’, que era um projeto que discutia direitos humanos pra juventude na América Latina, e o Paulo na hora me apontou, e eu meio que... recebi

aquilo assim meio que... ‘tá maluco? Um monte de doidos, ficar discutindo essas coisas e tal...’. E foi aí que eu me inseri. Eu entro pela (nome da ONG de fora), o projeto e tudo mais, e começo a conhecer essa área de direitos humanos, que é a área que hoje eu atuo, né, paralelo com a comunicação. E aí, logo depois, em 2007, eu entro na (nome da iniciativa da outra ONG), e aí faço o curso de fotógrafo, paralelo eu faço (nome de outro processo de formação oferecido por ela), faço direitos humanos na (nome da primeira ONG citada), e aí começa a minha vida social, dentro dos movimentos sociais, na verdade.

Marcelo identifica o início de sua “vida social, dentro dos movimentos sociais” com a entrada em iniciativas de ONGs ligadas diretamente à formação de jovens justamente nas áreas em que, atualmente, pretende se profissionalizar: comunicação e direitos humanos. Tal inserção é, portanto, associada por ele ao seu projeto de cursar Comunicação Social na faculdade e, posteriormente, Direito:

E direitos humanos, desde a primeira aula que eu fui de direitos humanos até hoje, é minha linha que eu gosto de atuar. A minha faculdade naturalmente seria Direito, mas aí, pelas vivências da vida, hoje em dia eu preciso fazer Jornalismo, que é por uma questão de sobrevivência dentro da comunicação, dentro do Complexo do Alemão, pelo que está por vir de jogos... Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, mas logo depois que eu terminar, a segunda faculdade vai ser Direito com certeza.

Outra participação no mundo das ONGs destacada por ele é no curso de fotografia de uma ONG com sede em uma da favela vizinha ao Complexo do Alemão. Não tinha interesse a princípio, mas não havendo vaga no curso que pretendia fazer, ingressou no curso de fotografia e “se apaixonou”. A partir de tal experiência, foi chamado por essa ONG e pela organização local para ser “monitor” em um projeto que registrava o processo de mudanças relacionadas à implantação do PAC no Complexo do Alemão e também em outra ONG local para formar jovens fotógrafos.

Fez outros trabalhos como fotógrafo autônomo (*freelancer*) para ONGs de fora e chegou a trabalhar na ONG que ofereceu o primeiro projeto em que entrou indicado por Paulo. Entre suas experiências profissionais anteriores, destaca ter sido operador de máquina de *xerox*, “microempresário” (teve uma *lanhouse* com seu irmão por um tempo) e produtor de eventos. Assim como Daniel, fez serviço militar obrigatório (aeronáutica) ao completar 18 anos.

Ele se considera militante (*ativista* é outra categoria que utiliza) e fala da necessidade de ter tido que abrir mão de salário para trabalhar durante um tempo (e, com isto, contrair dívidas), bem como da importância de não se autointitular militante, mas de ser reconhecido por outros enquanto tal.

Meses depois da entrevista, Marcelo deixou o trabalho na organização local. Enquanto ainda estava lá, foi um dos responsáveis pela realização de um evento chamado “Ocupa Alemão às 9h”, que denunciava violações praticadas por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no Complexo. O evento foi convocado por pessoas jovens enquanto “jovens” ou “juventude” das favelas do Alemão e do Borel (e não enquanto representante de grupos, organizações ou movimentos sociais), apesar de boa parte dos organizadores - assim como o próprio Marcelo - possuir vínculos de diferentes tipos com tal universo.

ONGs, projetos e políticas: relações pessoais e mediações

A breve descrição anterior das trajetórias de Marcelo e Daniel, bem como algumas informações levantadas a partir da convivência com ambos e com Paulo durante o trabalho de campo para o doutorado, permitem levantar algumas questões. Neste texto, me deterei àquelas que podem fazer avançar a relação entre a inserção de ambos em ONGs e projetos sociais e as relações pessoais que permitiram tais inserções (e sua permanência) e

alguns apontamentos sobre investimento educacional, profissionalização e retribuição financeira.

Pensando em suas trajetórias articuladamente, é possível perceber que nenhum dos dois relatou experiências de participação, engajamento ou militância antes de serem indicados para projetos sociais de caráter formativo em diferentes ONGs. Mesmo quando perguntados explicitamente, não se recordam de nenhuma experiência de participação nem em igrejas, nem na escola¹². Ambos associam, portanto, o ingresso na *vida social*, em *movimentos sociais* ou no *trabalho social* (todos termos utilizados por eles) a experiências em projetos sociais em diferentes ONGs. E foi a mesma pessoa (Paulo) que os indicou para iniciativas de organizações não governamentais *de fora*, ou seja, que não foram criadas por pessoas do Alemão, nem tinham sede em alguma das favelas do Complexo. Além disso, os dois já tinham relações anteriores com Paulo de parentesco (primo) e amizade. A mediação de Paulo em ambos os casos foi, portanto, fundamental.

Para compreendermos o lugar de Paulo enquanto mediador da entrada de Daniel e Marcelo nos projetos em questão é necessário conhecê-lo um pouco mais. Paulo é uma pessoa importante no Complexo do Alemão. Ele é uma pessoa classificada por muitos como liderança e intermedia uma série de relações e processos que extrapolam o local. Além de ser um dos criadores e atual diretor de uma importante organização de lá, Paulo é cientista social (graduado em uma universidade pública) e já trabalhou em organizações fora do Alemão, como aquela em que Daniel fez seu primeiro curso de formação e passou a trabalhar em seguida.

¹² Nesse sentido, diferem de outros militantes de favelas da mesma geração por mim entrevistados para quem experiências de engajamento religioso ou de militância estudantil precedem sua entrada em um universo de militância associada a ONGs. É preciso registrar, no entanto, que se trata de universo bastante heterogêneo.

Ele tem uma enorme capacidade de articulação de pessoas *de dentro e de fora* do Alemão. É amigo de muitas pessoas de diferentes universidades e ONGs e mantém relação com diversas outras organizações e grupos locais. Eu o conheci quando trabalhava em uma ONG e ele em outra e representávamos ambas organizações em um fórum de juventude. Foi através dele e de Daniel que voltei ao Alemão após a já citada pesquisa para apresentar seus resultados em um dos encontros de uma atividade organizada pela organização local que criou, reunindo pessoas que faziam diferentes pesquisas no Alemão e moradores (em geral ligados a grupos, movimentos e organizações locais). “Fala com o Paulo” ou “tem que falar com o Paulo” são frases ouvidas com regularidade no contexto das organizações e movimentos locais ou quando se fala do Alemão fora de lá. Paulo é o tipo de pessoa que para para conversar com diferentes pessoas quando anda pela favela. Quando estamos conversando em um bar de lá é, invariavelmente, cumprimentado por muita gente. Ao longo do tempo que passei a conviver com ele também fui apresentada a crianças e adolescentes que são seus afilhados. Pessoas de diversos grupos e organizações locais recorrem a ele para pedir opinião e conselhos sobre diferentes assuntos referentes à realidade local, disputas políticas e resolução de problemas. Já deu aula em cursos de complementação escolar e pré-vestibular comunitário, sendo uma referência para muitas pessoas, inclusive mais jovens, que por vezes se referem a ele como “tio” ou “professor”, de modo afetoso.

A entrada de Daniel e Marcelo em projetos sociais e ONGs através de Paulo pode ser pensada como mais uma expressão do papel de articulação que ele opera localmente e de mediador com organizações e agendas externas. As relações com Paulo não são meramente profissionais ou de pesquisa, ele é amigo de muita gente e cultiva tais amizades. No final das atividades, sai para tomar cerveja com todo mundo, brinca, ri e pede opinião para as pessoas sobre diferentes assuntos. Trata-se de uma pessoa querida e valorizada.

Em contextos específicos, como o do desabamento de casas em uma das fortes chuvas no final de 2013, ele era uma das pessoas que ficava o dia inteiro no abrigo organizado por organizações e grupos locais, ajudando a organizar o recebimento de doações, por exemplo, mas também tentando fazer contato com representantes de diferentes órgãos públicos e ONGs de direitos humanos, universidades e partidos políticos, buscando angariar o apoio de organizações externas para que as famílias desalojadas pudessem ter acesso à resposta almejada pelo grupo para aquela situação (a garantia do recebimento do aluguel social). Além disso, ele participava (e organizava) reuniões e conversas com movimentos e organizações locais.

O tipo de capacidade de articulação que Paulo possui é identificado por pessoas *de fora*, inclusive aquelas da rede de relações do próprio Paulo que trabalham em universidades e ONGs. Não é raro vê-lo acompanhando um grupo de representantes de organizações de fora do Brasil ou estudantes universitários. Também não é difícil vê-lo desempenhando o papel de *articulador* ou *agente local*, comumente destinado a pessoas reconhecidas por agentes variados como lideranças, em projetos de diferentes organizações¹³.

Ou seja, por um lado, Paulo identifica e reconhece pessoas “de dentro” que, como nos casos de Daniel e Marcelo, possuem atributos e características valorizados no contexto dos projetos sociais e das ONGs, mas também da militância social. Tais características são positivamente valorizadas em certo contexto de relações (inclusive de trabalho). Conhecerem bem a favela e seus

¹³ A figura do *articulador local* (que pode ter outras denominações como *agente local*, *mobilizador local* etc.) é comum em projetos realizados em favelas e áreas populares. A pessoa que exerce tal função deve estabelecer relação mais constante com a população local desempenhando funções tão diversas como *mobilizar* para as atividades do projeto, identificar as pessoas com o perfil desejado, organizar e divulgar as atividades no local etc. Para uma discussão sobre mediações, mediadores, intérpretes e agentes de terreno em projetos de desenvolvimento, ver Olivier de Sardan (1995) e Mosse (2001, 2005).

moradores e serem conhecidos dentro dela pode ser relevante para determinado tipo de trabalho, assim como querer mudar a situação ou melhorar a comunidade é uma característica desejável entre pessoas que comungam certas ideias e valores dentro de determinados movimentos ou organizações sociais. Por outro lado, com sua conduta, Paulo torna evidente de que modo o engajamento militante e o trabalho em projetos sociais e ONGs podem ser combinados e realizados na prática. Seus custos e retribuições podem ser identificados em sua trajetória, em seu cotidiano, e o modo como ele lida com eles e constrói sua intervenção no local torna-se referência para um grupo de pessoas, incluindo algumas mais jovens do que ele.

Ao fazer um balanço sobre os estudos e pesquisas acerca do engajamento militante na França nos últimos anos, Sawicki e Siméant (2011) apontam aspectos importantes sobre a entrada e a manutenção da militância. Chamam atenção, por exemplo, para o fato de que compartilhar certas características sociais não é suficiente para a adesão de indivíduos a determinados grupos:

O compartilhamento de propriedades sociais entre um indivíduo e os membros de um grupo mobilizado e, portanto, a existência de uma comunhão de ideias e de *habitus* não bastam para orientar um indivíduo para determinado grupo mobilizado; na maior parte dos casos a mediação de pessoas próximas é necessária, senão suficiente. (SAWICKI, SIMÉANT, 2011, p. 14).

Nos casos aqui brevemente narrados, Paulo representaria essa *pessoa próxima* capaz de identificar outras pessoas e fazer a mediação entre elas e as organizações em questão, concretizadas nos casos por projetos sociais tendo como público jovens moradores de favelas. Marcelo fala de uma proximidade da organização local que, além de afetiva, pela relação com seu primo Paulo e com o próprio Daniel, também era física, já que não tinha trabalho formal e ficava por ali, *orbitando* perto da sede da or-

ganização, vizinha à sua casa. Daniel já conhecia Paulo através de sua namorada e foi ela que falou: “por que você não conversa com o Paulo? O Paulo é cheio de ideia, de projeto...” O vínculo institucional concretiza-se no momento da indicação quando Paulo reconhece em Marcelo características apropriadas para representar a organização local em um projeto social de uma ONG externa ou quando Paulo pensa no curso da ONG em que trabalhava como lugar onde Daniel poderia concretizar suas ideias de trabalho comunitário e também receber algum tipo de remuneração financeira (a bolsa).

Talvez seja, no entanto, prematuro afirmar que, nos casos descritos, já houvesse uma certa “comunhão de ideias e de *habitus*”. As iniciativas que possibilitam a primeira inserção de ambos, e seu caráter notadamente formativo, representam um passo importante no que diz respeito à socialização para a participação dessas pessoas em organizações não governamentais e movimentos sociais e a adesão das mesmas a práticas que passam a compreender como sendo sociais e/ou *militantes*. A experiência de participação em tais iniciativas não opera, no entanto, o mesmo nível de adesão em todas as pessoas que delas participam. O capital social anterior, assim como a possibilidade de aprovação no círculo familiar, de amizade ou por cônjuges, por exemplo, tem influência importante na transformação de alguns participantes dessas iniciativas em militantes e/ou trabalhadores do mundo das ONGs e dos projetos sociais.

Parece ser importante nesse cenário considerar também a capacidade dessas pessoas acumularem o que Gaxie (2005) denomina “capital de relações”¹⁴ para que seja possível sua permanência nesse contexto, mas também para que (assim como no caso

¹⁴ Ao analisar as retribuições da militância, Daniel Gaxie evoca a relação entre capitais acumulados na militância que podem ser convertidos em outras esferas da vida social, como a inserção no mercado de trabalho, em suas palavras: *L'expérience militante et le capital de relations constitué à cette occasion – généralement de façon non délibérée - peuvent faciliter l'insertion sur des marchés d'emplois*. (GAXIE, 2005, p.163).

de Paulo) elas sejam capazes de se tornarem mediadores entre universos distintos, incluindo o dos movimentos sociais, projetos sociais e ONGs, mas também o acadêmico, o dos moradores não engajados etc. O acúmulo desse tipo de capital específico é essencial para facilitar a inserção no mercado de trabalho e, nos casos narrados, para que seja possível a profissionalização dos atores envolvidos através de sua inserção em organizações variadas, mas também para a continuidade dos estudos formais.

As ideias de “formação de lideranças (comunitárias)” e de “formação (política ou em direitos humanos)” de jovens presentes nas iniciativas das ONGs externas revelam diferentes concepções sobre “comunidade”, “liderança” e “juventude”. O projeto do qual Marcelo participou foi iniciado em 2007 e envolvia organizações não governamentais de diversos países da América do Sul, tendo financiamento da União Europeia para suas atividades. Tratava-se de um projeto social fundamentalmente voltado para a formação política e conscientização de jovens que já haviam participado de algum grupo ou organização sobre seus direitos. Nesse processo, a pessoa responsável pelo projeto procurou pessoas em diferentes favelas e bairros populares que pudessem indicar outras pessoas de certa faixa etária que estivessem dispostas a entrar para a iniciativa. Foi nesse contexto que Paulo foi procurado e Marcelo indicado. A ideia de *exigibilidade de direitos* era central no projeto que estimulava participantes a reconhecer situações em que seus direitos não eram garantidos ou estavam sendo *violados* em seus locais de moradia e criar formas (sobretudo coletivas) para que o fossem.

O processo de formação do grupo de jovens envolvidos no projeto passou pela identificação de diversas pessoas com a faixa etária entre 14 e 29 anos que estivessem envolvidas em organizações locais em áreas populares das cidades em que a ONG tinha sede, uma delas, o Rio de Janeiro. Assim sendo, a pessoa responsável pelo projeto conhecia Paulo e entrou em contato com ele solicitando que indicasse um jovem (nas palavras de Marcelo:

“eu preciso de um jovem pra participar de um projeto”). Paulo “apontou” Marcelo, identificando nele, ao menos potencialmente, os atributos necessários para participar da iniciativa como indicação da organização local. Marcelo, que no início achava que encontraria *um bando de loucos* discutindo coisas que não conhecia, acabou ingressando em outras iniciativas de *formação* (ligadas a outras ONGs “de fora” do Alemão) com ênfase na comunicação e na fotografia. Ambas as experiências explicam, segundo ele, o que levou ao início de sua “vida social, dentro dos movimentos sociais”, mas também pesaram na definição de suas escolhas profissionais e seu investimento educacional posterior.

No caso de Daniel, ele conta que com cerca de 19 anos (após o serviço militar) ficava muito “na rua, no morro (...) à margem, com amigos em bares... Eu olhava “caramba! O que... sei lá, o que falta aqui no Alemão, sabe?”. Conta que muita coisa o incomodava no Alemão, entre elas o fato das cartas para moradores ficarem centralizadas nas associações de moradores: os moradores tinham que ir até lá para buscá-las. A ideia de um “correio comunitário” foi, a seu ver, “o primeiro *insight* de ação comunitária” que teve. Contou a ideia para a namorada (atual esposa) e ela já tinha uma cooperativa com Paulo: “E aí ela falou: por que você não conversa com o Paulo? O Paulo é cheio de ideia, de projeto...” Ele conversou com Paulo e com outro amigo em comum, que também trabalhava na referida cooperativa. A ideia de “correio comunitário” também poderia, na visão de Daniel, resolver seu problema de desemprego naquele momento. “Aí falei: ‘Paulo, pô cara, tô com essa ideia, tô desempregado, sabe qual é? Tô querendo arrumar um emprego. Fazer um trabalho dentro do Alemão e mandaram eu falar contigo essa ideia’. Joguei pra ele. Aí ele ‘maneiro, cara! Eu trabalho em uma ONG’. Na ONG em que Paulo trabalhava havia um projeto voltado para a “formação de lideranças comunitárias”. A ideia de Paulo de inseri-lo na turma que iria abrir em seguida foi recebida por Daniel com dúvida: “não quero isso, quero ganhar dinheiro e tal, não vou fazer isso agora”. Depois de um tempo, quando uma nova turma foi aberta e Paulo o convidou, ele quis fazer o curso:

E fui com essa ideia de correio comunitário ainda, mas aí chegando lá, cara, eu tive acesso a pessoas e eu comecei a perceber que assim como eu no Alemão, tinha uma pessoa em Campo Grande, tinha uma pessoa em Santa Cruz, tinha uma pessoa no Salgueiro e Rocinha que tava pensando proposta para benefício da comunidade. Um lugar assim que era maneiro. Eu comecei a me identificar com aquilo. Pô, e é isso que eu quero fazer. Quero trabalhar em prol do Alemão agora. Não quero mais outra vida. É isso que eu quero fazer. (...) Eu pichava, era pichador, conheci uma menina que era do movimento Hip Hop nesse mesmo curso e ela falou de grafite e tal e falei assim: “Essa parada é maneira”. (...) “Pô, Paulo, cara! É isso, *brother*. Pô, trabalhar com a juventude, grafite e tal...” Foi aí que eu conheci o trabalho social, elaboração de projeto e o grafite entrou na minha vida, entendeu?

Tanto Daniel, quanto Marcelo parecem ter experimentado inicialmente dentro de ONGs, através de atividades que se pretendiam formativas, um certo repertório discursivo, mas também de ação. Daniel abandona em seguida a ideia do *correio comunitário* para trabalhar com grafite e formação: “...uma oficina de grafite, que dá pra ganhar dinheiro e trabalhar com formação”. Enquanto Marcelo, ao aprender a fotografar e ser inserido no mundo dos “direitos humanos”, também parece ter percebido um meio de “vida social”, que não considerava até então, que aliava um modo de reprodução objetiva (ter trabalho, ganhar dinheiro) a uma subjetiva (fazer trabalho social e grafite, ser militante). Dauvin e Siméant (2002), ao analisar a trajetória de militância de pessoas ligadas a organizações humanitárias na França, diferenciam os que vivem o trabalho comunitário como prolongamento da militância política e outros que têm no trabalho comunitário um lugar de socialização política de pessoas inicialmente indiferentes à política (DAUVIN, SIMÉANT, 2002, p. 80). O caso de Daniel e Marcelo parece combinar as duas modalidades: se num primeiro momento significou uma oportunidade de socialização política, em seguida, passa a ser um espaço de prolongamento da militância (ainda que Daniel diga que sua militância se concentra na organização criada por ele, por

exemplo, ele conseguiu concentrar sua inserção profissional em atividades ligadas a ONGs, comunicação e políticas públicas dentro do Alemão; e Marcelo atualmente tenha uma concepção de militância não-institucionalizada).

Nesse processo de inserção em um ambiente de socialização política, Paulo teve papel central nos dois casos. Cientista social e morador do Alemão, Paulo está hoje na faixa dos 40 anos com longa trajetória de trabalho em ONGs, cofundador da organização local com Daniel e outras pessoas, parece representar não só aquele que tornou possível o ingresso de ambos, como uma pessoa que esteve presente na construção dos caminhos que levaram os dois a se manterem em um contexto que busca associar militância e trabalho remunerado (fortemente ligado a investimentos e escolhas educacionais feitas no processo). A construção de trajetórias de engajamento pressupõe a presença de pessoas que, como Paulo, sejam capazes de mostrar que é possível ser militante e sobreviver financeiramente de trabalhos associados à militância, mas também de um contexto em que as escolhas associadas ao engajamento militante sejam aprovadas por pessoas próximas como parceiros, pais, amigos etc. Retornando ao texto de Sawicki e Siméant:

A existência de um vínculo positivo e interpessoal com um ou vários membros do grupo pode funcionar como um canal de informação; ela aumenta a credibilidade dos apelos e intensifica a pressão para tornar tais apelos e as práticas correspondentes aceitáveis. Não é de se surpreender, nessas condições, que a conversão seja improvável na ausência de vínculos afetivos. (SAWICKI, SIMÉANT, 2011, p. 15).

No caso dos dois, o vínculo de afeto com Paulo é anterior e impulsionador da entrada nos projetos sociais e na militância social. No entanto, a inserção de Daniel e Marcelo em certas redes sociais a partir desses projetos não garante a permanência dos mesmos. Ao contarem suas histórias, ambos relacionam cons-

tantemente a participação em projetos sociais, a criação da organização local e o trabalho em ONGs com a dimensão do trabalho remunerado, da subsistência, da necessidade de profissionalização e de retomar e dar continuidade aos estudos. A atração para esse mundo não se dá somente por uma identificação preexistente e tornada possível na prática pela mediação de Paulo, mas pelas possibilidades colocadas (e realizadas na figura do próprio Paulo) de se viver disso.

As trajetórias profissionais e educacionais anteriores de Daniel e de Marcelo revelam certas precariedades e inseguranças presentes nas trajetórias de boa parte dos moradores de favela. A urgência de se ter trabalho depois que a namorada fica grávida, por exemplo, é comum entre muitos adolescentes e jovens moradores de favelas e periferias. No entanto, o que parece acontecer com ambos é a passagem de vínculos profissionais precários e provisórios para o investimento progressivo em uma carreira¹⁵ no trabalho social (que não deixa de ser feita também a partir de vínculos empregatícios muitas vezes precários e provisórios). Tal carreira pressupõe não apenas os trabalhos realizados e os vínculos profissionais estabelecidos, mas um investimento na retomada e na continuidade dos estudos formais (nos casos aqui apresentados, término do ensino médio e entrada na universidade), capitais extremamente valorizados no cenário de trabalho e de militância no qual se inserem.

É importante pensar que tais experiências, ligadas a uma dinâmica institucional, estão intrinsecamente conectadas a suas relações familiares e de amizade anteriores. Em um dado momento da entrevista, quando conta sobre a produção de um evento

¹⁵ No sentido adotado por Becker (2008), que inspira o trabalho de pesquisadores franceses e brasileiros sobre trajetórias de engajamento militante. Em seu estudo sobre o desvio, ele utiliza a ideia de “carreiras desviantes”. O conceito, originalmente desenvolvido em estudos de ocupações, *...se refere à sequência de movimentos de uma posição para outra num sistema ocupacional, realizados por qualquer indivíduo que trabalhe nesse sistema.* (BECKER, 2008, p. 35).

no Complexo do Alemão com pessoas de diversos grupos e organizações locais (com as quais tinha diferentes níveis de concordância e relação), Marcelo contou que conhecia aquelas pessoas antes de estarem (todos eles) ligados a organizações ou grupos, mas conclui da seguinte maneira: “A gente discute, a gente se conhece de antes (...) antes de qualquer coisa, né, mas as nossas amizades se estreitaram a partir desses trabalhos sociais”.

Nas duas trajetórias aqui trazidas para análise parece ter havido um ajuste ou mesmo coincidência entre esferas de amigos, família e de militância com a construção de um percurso profissional ancorado em um investimento educacional enquanto projeto de longo prazo. Tais investimentos têm como contrapartida diferentes modalidades de retribuição que passam pela valorização da militância e do trabalho social no *círculo* de convivência familiar e de amizade, mas também por possibilidades de inserção profissional, retribuição financeira, valorização de si, formação de novas redes de relação e novas amizades e reconhecimento (nas palavras de Marcelo: “você não tem que se impor um militante, a militância tem que vir naturalmente na sua vida, e as pessoas te veem como militante, não você se autodenominar”).

Investimentos e “sinergias”

A ideia de sinergia de projetos em um mesmo território presente no artigo da antropóloga Regina Reyes Novaes é central na construção do presente texto. Aqui buscou-se exemplificar e analisar brevemente, a partir de duas trajetórias individuais de pessoas jovens moradores do complexo de favelas do Alemão, de que modo essa “sinergia” pode ser pensada em termos de trajetórias, resultando na construção do que pode ser pensando em termos de carreira que combina militância, trajetória escolar e profissional e evidenciando o papel de relações pessoais neste processo. Buscou-se, portanto, refletir sobre alguns efeitos da existência de projetos sociais (e ONGs) voltados para jovens (e

concebidos a partir da ideia de “juventude”) em favelas. Olhou-se aqui tais efeitos sem deixar de fora a trama de relações diversas (de amizade, parentesco, vizinhança) de que se constitui o cotidiano das pessoas em questão e também as dinâmicas institucionais que configuram projetos sociais e movimentos sociais.

A ideia de que “um projeto chama outro” ligada a políticas públicas e projetos sociais (governamentais ou não), orientadas por certa concepção de “desenvolvimento local” (NOVAES, 2006), particularmente em voga a partir da década de 1990, torna certas oportunidades relacionadas a eles mais disponíveis em algumas localidades do que em outras, como Novaes destaca na citação do início deste artigo. Nos casos aqui tratados, há uma estrutura de oportunidades criada pela lógica do “desenvolvimento local” que faz com que a oferta se concentre em certas favelas. Tal estrutura faz parte também da leitura dos próprios agentes, entre eles Marcelo, Daniel e Paulo, sobre como lidar com ela, influenciá-la (no caso de Paulo e Daniel, começando eles mesmos com um grupo de pessoas a sua própria organização e seus projetos) e geri-la em termos de suas próprias trajetórias. É interessante, por exemplo, o modo como Marcelo se refere a sua escolha de curso superior (de comunicação social) associando sua aptidão para a fotografia (já valorizada em projetos sociais e no trabalho como *freelancer* para ONGs) a possíveis ofertas futuras de trabalho a partir de sua leitura sobre os eventos que acontecem em 2014 e em 2016 na cidade do Rio de Janeiro (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos).

Exemplos recentes de tal sinergia no Alemão são as obras do PAC - Programa de Aceleração do Desenvolvimento (Governo Federal) e a implantação de unidades da UPP - Unidade de Polícia Pacificadora (Governo do Estado). São iniciativas governamentais de grande envergadura que atraem diversos tipos de investimentos de setores públicos e privados e também um sem número de iniciativas não-governamentais. Há, por exemplo, agências de financiamento e editais que passam a ter, entre os

critérios de seleção, o fato das iniciativas acontecerem em favelas *pacificadas*, ou seja, onde há UPP¹⁶.

Não são todos os jovens, nem todos os moradores, que se beneficiam de tal “sinergia” de investimentos e iniciativas. Não são todos que possuem os atributos necessários para serem identificados como “público-alvo”. Não são todos que conseguem se inserir nas redes de sociabilidade de projetos sociais e ONGs (e transformá-las em capital de relações), nem são todos que conseguem (ou estão dispostos a) fazer os investimentos necessários e arcar com os custos para nelas permanecer. Na mesma favela, recursos de diversas naturezas também estão desigualmente distribuídos. Certos investimentos pessoais, educacionais e profissionais feitos por determinado grupo de pessoas passa, como bem evidencia a fala de Marcelo, pelas diversas percepções sobre a tal “sinergia” e o que se deve investir, tendo em vista possíveis retribuições (nem sempre realizadas) no cenário em questão. Não se trata de um cálculo consciente, mas de uma maneira de perceber e lidar com a realidade, que inclui relações de afeto, adesão a determinadas causas e a construção de projetos de futuro a partir de certa leitura do campo de possibilidades em que se inserem.

Busquei aqui explicitar de que maneira trajetórias, projetos e campo de possibilidades se relacionam, desfazendo fronteiras entre militância, educação, trabalho e relações pessoais, vistas comumente de maneira desarticulada. Em minha pesquisa de campo, o que percebi foi um imenso entrelaçamento entre essas dimensões de modo que mesmo pensar e falar em “esferas” ou “dimensões” parece pouco profícuo quando o que se pretende é compreender processos de engajamento militante. As histórias

¹⁶ Não se trata de algo novo. Desde, ao menos, a década de 1990, quando a ideia de desenvolvimento local ganhou maior expressão no Brasil, há dinâmicas semelhantes quando implantavam tentativas de policiamento comunitário em algumas favelas ou na época do Favela-Bairro, programa de urbanização de grande envergadura em diversas favelas do Rio, iniciativa da Prefeitura de então com o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento.

de Marcelo, Daniel e Paulo contribuem para repensar de que forma engajamentos são construídos na prática pelos agentes, que experiências e capitais são mobilizados e em que condições e contextos de relações sociais tais engajamentos tornam-se mais ou menos prováveis.

Bibliografia

BECKER, Howard S. **Outsiders – estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coords.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, 5ª ed., p. 183-191.

BRUBAKER, Rogers. COOPER, Frederick. Beyond Identity. In: **Theory and Society**, Vol. 29, Nº 1, Feb. 2000, p. 1-47.

DAUVIN, Pascal. SIMÉANT, Johanna. **Le travail humanitaire – Les acteurs des ONG, du siège au terrain**. Paris: Press de Sciences Po, 2002.

ELIAS, Nobert. **Mozart – Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. **Swiss Political Science Review**, 11 (1), 2005, p. 157-188.

LANDIM, Leilah. “Experiência Militante”: História das assim chamadas ONGs. In: LANDIM, Leilah. (Org.) **Ações em Sociedade: Militância, caridade, assistência etc.** Rio de Janeiro: NAU, 1998, p. 23-87.

MOSSE, David. “People’s knowledge”, Participation and Patronage: Operations and Representations in Rural Development. COOKE, Bill; e KOTHARI, Uma (Orgs.). **Participation: The new tyranny?**. Nova York: Zed Books, 2001, p. 16-35.

_____. **Cultivating development. An ethnography of aid Policy and Practice**. London-New York: Pluto Press, 2005.

NOVAES, Regina Reyes. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. EUGENIO, Fernanda. (Orgs.) **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

OLIVIER DE SARDAN, Jean-Pierre. **Anthropologie et développement. Essai en socio-anthropologie du changement social**. Marseille/Paris: APAD/Karthala, 1995.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 3, janeiro - julho de 2010, p. 49-77.

PUDAL, B. Da militância ao estudo do militantismo: a trajetória de um politólogo. Entrevista concedida a Kimi Tomizaki. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago 2009, p. 129-138.

SAWICKI, Frédéric. SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. Dossiê. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, nº 28, set./dez. 2011, p. 200-255.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **ProPosições**, Campinas, maio/ago. 2009. Vol. 20, nº 2, p. 21-39.

SIGAUD, Lygia. **Efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos: as barragens de sobradinho e machadinho**. PPGAS, Comunicação 9, Rio de Janeiro, 1986.

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. **Relatório estudo de caso Identidade favelada e novas tecnologias – Pesquisa Jovens pobres e o uso das NTICs na criação de novas esferas públicas democráticas**. Rio de Janeiro: Ibase, 2013.

TOMMASI, Livia de. Nem bandidos nem trabalhadores baratos: trajetórias de jovens da periferia de Natal. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, Vol. 5, nº1, jan/fev/mar 2012, p. 101-129.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ZALUAR, Alba. ALVITO, Marcos. (orgs.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

Recebido em 15/12/2015

Aprovado em 30/12/2015

